

Boletim O Gabelense

ano XI - nº 22 /junho 2008

ai ué democracia

relembrar

os dons do espírito santo

os hematófagos...



1.º semestre de 2007

Reconhecimento? E/ou Solidariedade?

A "carolice" na concretização de apoio a causas de convivência comum, em que estivemos envolvidos compartilhando dos mesmos ideais, assentam em razões íntimas de solidariedade, que nos levam a dedicar a nossa melhor atenção na manutenção desses ideais, sempre gratos de recordar pelos momentos agradáveis de um passado que, apesar de tudo, no presente, são de ressentimento, com prejuízos irreparáveis, como foi a exemplar descolonização ...

Desejamos perpetuar o que de sadio foi a nossa vivência, onde convivemos fortificando amizades, empenhados em manter as boas recordações. É delas que falamos no convívio quando nos juntamos.

É esta a razão da existência da nossa Associação –Naturais, ex- residentes e amigos da Gabela, que se completa com a publicação semestral da nossa revista *O GABELENSE*, que desejamos

manter, aproveitando o ensejo de, pelo menos uma vez por ano nos reconciliarmos num convívio, que é a razão do nosso Encontro. A Revista, complementa esse elo de ligação proporcionando um vínculo comum, um aconchego para a nossa convivência que se tem perpetuado ao longo dos anos – já lá vão trinta e três (1975/2008).

Embora nunca esquecendo o passado ou melhor, o que nos ligou enquanto estivemos no Amboim-Gabela-Angola, há indícios de ausências – faltas – umas forçadas e outras pela idade avançada dos que sempre compareceram – chefes de família (casais) que se faziam acompanhar dos filhos. A primeira geração ainda se fez representar, afastando-se com o decorrer dos anos face aos encargos e responsabilidades assumidas com a constituição dos seus agregados familiares. A segunda geração integrou-se, acompanhando a evolução de uma nova sociedade.

Será difícil, senão impossível, perpetuar a continuidade de aproximação dos gabelenses, que se esgotará com o decorrer do tempo. Resta persistir enquanto durar a boa vontade dos que ainda vão respondendo à chamada – comparecendo – e dos que, por carolice, permanecem fiéis aos designios de solidariedade, mantendo a continuidade da nossa Associação, que está a precisar de renovação, um novo impulso para que se mantenha.

Um reconhecimento aos que têm colaborado na nossa revista e orientado a actividade da nossa Associação, fiéis aos princípios e desejos dos que se empenharam na sua constituição, com o intuito de perpetuar a continuidade dos *gabelenses*... aqui (em Portugal e noutras partes do mundo do mundo que os acolheram, forçados a radicarem-se para sobreviverem).

A DIRECÇÃO

ficha técnica

índice

editorial	pág. 2
encontro dos gabelenses 2008	pág. 3
ai ué democracia	pág. 4
participação	pág. 5
relembrar	pág. 5
os dons do espírito santo	pág. 6
os colonos... o que ficou por contar	pág. 8
a nação, os heróis, o desporto e a imprensa	pág. 12
os hematófagos...	pág. 13
o escondidinho: o fim de um ciclo	pág. 14
o escondidinho: o fim de um ciclo	pág. 14
"slogans" que fizeram história	pág. 15
era um vez...	pág. 19

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7.º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

encontro dos gabelenses 2008

programa - 29 de junho

Local: Parque das Merendas em Mogofores.

*Faça os possíveis para estar presente!
Participe, Conviva!
Faça da nossa Associação um verdadeiro elo de ligação!
Recordar é viver!*

Programa:

09H00 - Concentração.

Actualização de ficheiros, inscrição de sócios, contribuições e entrega da revista a quem não recebeu.

11H00 - Boas vindas momento de reflexão Assuntos a propor, discussão, opiniões e soluções finais.

13H00 - Abertura de farnéis almoço, com música ambiente, seguindo-se o convívio animado por música à *maneira*, com farra nos trinkes *puxa katuta ...*

Mariazinha anda comigo ... sapatinho branco he di lacinho ...

A Direcção.



ai ué democracia



são marques

Há poucos dias, comemorou-se mais um 25 de Abril. Podemos recordar algumas músicas de Zeca Afonso e de outros músicos que contestavam e denunciavam enquanto cantavam e lutaram, a seu modo, pela democracia.

Lamentavelmente, apenas se fala neste acontecimento num dia do ano. Não admira portanto, que a juventude ignore o significado do 25 de Abril para o seu país, o fim da ditadura e o início da democracia. E que devam esse facto, ao inconformismo de alguns e à morte de tantos que provocou a dor e a revolta de um povo pacífico. Será que os jovens portugueses conhecem o significado de ditadura, ou de democracia?...Tenho dúvidas...

Alguém questiona se nós vivemos realmente numa democracia. Pelo menos o povo votou nos governantes que nos "desgovernam". Mas quando ouvimos certos ministros e ministras, duvidamos que se chame democracia ao actual sistema político. A ministra de Educação quer impor um sistema de avaliação dos professores, transportado do Chile país pouco desenvolvido da América do Sul. Impõe igualmente um "Novo Estatuto do Aluno" transportado da Finlândia país Nórdico desenvolvido. Ambos os países com realidades bem distintas da



nossa. Do Chile, nada sei, mas da Finlândia chegam-nos imagens de salas de aula com poucos alunos, cada um deles com um computador para trabalhar e escolas apetrechadas com todos os meios necessários. Porém, a nossa realidade é bem diferente: escolas com pouquíssimos meios, e em avançado estado de degradação. Há falta de computadores, há falta de funcionários, etc. Não há condições. Concordo totalmente com o Professor Marcelo Rebelo de Sousa quando afirmou num programa da RTP 1 que o Ministério de Educação constituiu os professores como bodes-expiatórios de tudo o que está mal nas escolas e que os professores são desautorizados, e humilhados com o novo sistema de avaliação. Que o "Novo Estatuto do Aluno" é um convite ao lascarismo. Sinto-me como uma cobaia na jaula do laboratório.

Os alunos já nos dizem: "Ó professora, veja lá que eu também vou avaliá-la..." e "a ministra disse que chumbar um aluno fica muito caro ao país".

A marcha e manifestação efectuada pelos 90 mil professores de todo o país foi ignorada pelo ministério de Educação. Somente os sindicatos obtiveram algumas vantagens. É democracia desprezar a manifestação de tantos?..

O ambiente nas escolas é de desconfiança, de desmotivação. Será que a PIDE voltou? Todos desconfiamos e sentimo-nos vigiados. Seremos avaliados negativamente se os nossos alunos obtiverem

negativas...Convida a quê...?

Mudando de assunto, encontro-me a ler presentemente o livro de Júlio Magalhães "Os Retornados um amor nunca se esquece", que a todos recomendo. Recordo aqueles momentos de desalento, de guerra, dos tiroteios. Recordei a ponte aérea e o pânico instalado. No livro, uma hospedeira que acompanhou os retornados, num dos vôos de Luanda/Lisboa afirmou: "- Que horror! Tanta gente e tão pouco. (...) Não sei como confortá-los (...). São tantos e vão cheios de nada. Nunca senti um avião tão vazio."...Era como nos sentíamos Cheios de nada! ...Ai ué !...

Mas os "retornados" provaram que são homens e mulheres de fibra, lutadores e deram a volta por cima. Hoje a maioria está bem, alguns muito melhor do que estavam em Angola.

E para os que nasceram naquelas terras, como é o meu caso, sonhamos com aqueles lugares, com a magia daquelas paisagens, do pôr-do-sol africano, dos aromas da terra molhada, das praias com coqueiros e palmeiras e do povo alegre e amistososo. Eu fecho os olhos e revejo-me numa praia, debaixo de uma palmeira, quase sinto o cheiro da terra magnífica que me viu nascer, o "meu" paraíso tropical.

"Sobra a memória imperecível da terra de que vim, mas onde ainda hoje estou e onde jamais deixarei de estar..." . Espero lá voltar em breve!

Junto uma foto minha de quando tinha catorze anos. Alguém se lembra?... Até breve...!



são marc

participação



silva carvalho

Nesta rubrica é nossa vontade homenagear os *gabelenses* que já se não encontram entre nós - acontecimentos que nos chegam de diversas formas, como comunicação de familiares e amigos, com acesso a todos que o queiram fazer.

Na revista do ano passado Dez.07, por erro da editora, não se referiu, como previmos, o falecimento em 07.Dez.2007, de CARLOS DOS SANTOS SIMÕES.

Ressalvamos o nosso lapso, pessoalmente, com desculpas e, condolências, à Família.

Achamos oportuno recordar o Sr. Simões do Mário Cunha, como era por todos conhecido, que muito contribuiu para a elevação da Gabela, apoiando estruturas que protagonizou, com empenhamento pessoal ARA e AÉROCLUBE, em que se envolveu com demais gabelenses, num contributo para o seu desenvolvimento. Recordo-o pela sua verticalidade, sensatez, conduta irrepreensível admirado e nunca contestado. Era um assíduo apoiante, desde início da nossa Associação, participando, sempre efusivo, nos nossos encontros. Uma vez mais, à esposa, Sra. D^ª. Luisa, apresentamos sinceras desculpas pelo erro cometido.

P A D R E M A N U E L
ALEXANDRE, faleceu a 14 de
Dezembro de 2007.

Já com a edição da revista em curso, soubemos do acontecimento. Não podia ficar indiferente. Será talvez um sentimento de todos o gabelenses e não só. O Padre Alexandre, capelão militar e pároco na Gabela, acompanhou-nos lá e cá. Era um entusiasta defensor de tudo que se relacionasse com actividades na Gabela que contribuisse para o seu engrandecimento. Pároco, Professor e por último dinamizador e entusiasta pela nossa Associação, acompanhou-nos sempre, incentivando e participando em todas as actividades era o nosso companheiro e amigo ...

Como gabelense ambos apoiaram desde o início a nossa Associação, participando, enquanto puderam, nos nossos Encontros.

Singelo reconhecimento da
Direcção.

Silva Carvalho,
Presidente

relembrar

Apesar de decorridos largos anos após a nossa saída de Angola, esse país mártir que tanto amamos e certamente nunca deixaremos de amar, pois somente não o ama quem nunca teve a felicidade de conhecer, não podemos deixar de o lembrar com a maior saudade e com uma lágrima ao canto do olho, o que não me envergonho de dizer

Assim e rebuscando umas fotografias desses tempos, chega-me à mão uma delas em que vou encontrar uma figura que deixou marcas na nossa Gabela em sectores vários e que me levou a lançar mão do computador e tentar relembrar com a possível verdade algo dessa época

Trata-se do que durante uns anos foi o nosso pároco, padre e doutor Valentim Borges de Freitas, açoriano da ilha Terceira, pessoa de trato extremamente fácil e que sabia fazer amizade com todos

Permito-me um pequeno interregno, lembrando respeitosamente a sua memória, dado que chegou em tempos ao nosso conhecimento o seu falecimento por terras dos Estados Unidos, país que optou pelos motivos conhecidos

Chegado à Gabela ainda no tempo do padre Alexandre, cuja memória respeito, por aí ficou criando raízes e deixando obra feita

Em princípio e por lembrança de amigos, que os soube fazer como ninguém, começou a dar algumas aulas no liceu. Mas depressa reconheceu que aquilo era demasiada prisão para o seu feitio de andante, pelo que desistiu

Como pároco, atrevo-me a dizer que cumpriu, ou terá cumprido plenamente a sua função, pois me parece nunca ter deixado de atender qualquer paróquiano que o abordasse, sempre com infinita simpatia

No entanto o seu feitio "pedia-lhe" mais qualquer coisa e como bom desportista que era, veio a ser presidente da direcção da ARA (Associação Recreativa do Amboim), ao tempo disputando o campeonato da primeira divisão de Angola

Havia na época uma vasta colónia de açorianos no Katofe e um dia puseram-lhe à porta um relizante BMW vermelho acabado de sair do stand e aí o nosso doutor Valentim sentiu-se "completo", pois podia dar asas ao seu sentimento de andar

Aconteceu por vezes que, acabada a sua missa e porque a ARA tinha ido jogar a alguma localidade relativamente perto, arrancava no seu BM e lá estaria a presenciar o jogo e animar os seus atletas

Episódios das suas viagens lembro alguns, como seja ter sabido por algum militar que determinado batalhão no norte de Angola teria um seu conterrâneo, que não pensou duas vezes e, metendo-se ao caminho, fez uns milhares de quilómetros para saber notícias da mãe, pois como tinha por princípio não escrever à mãe, cujas cartas, por tal motivo não abria, dizia que, não escrevendo, também as não sabia

Assim, foi certa vez aos Açores ver a mãe, que veio a falecer mais tarde

Era um jogador emérito, dizem que campeão de bridge da sua terra ou da ilha, não sei, mas era jogador, pelo que à noite se sentava à mesa na Ara para o seu jogo

Conta-se que os companheiros da mesa lhe perguntavam se vinha jogar para arranjar dinheiro para comprar cera ou outras despesas da paróquia ou se era sómente para passar o tempo, pois se fosse para ganhar, ganhava sempre

Certa vez foi a Nova Lisboa comprar cera ou qualquer outra coisa, mas o dinheiro era pouco e nesse dia à noite havia uma pequena festa com o quino, como também se fazia na Gabela para as Vicentinas. Não se fez rogado e lá foi arriscar a sua sorte, mas daí trouxe o necessário para pagar e cera de que necessitava

Na loja que então tinha lhe vendi uma tenda de campanha com a respectiva cama e assim ele se deslocava para os arredores da cidade e fundava as suas catequeses. Então os habitantes dessa aldeia levantavam as paredes e o doutor fornecia a cobertura em zinco, ficando depois entregue a um homem que já havia preparado para isso. Estas catequeses ficaram em número de setenta em volta da cidade

Há uns anos atrás, estive na ilha Terceira e no Funchal ouvi as músicas locais, cujos discos eu possuía e que ele me ofereceu quando tinha ido à terra visitar a mãe

Fazia parte de um pequeno grupo que gostava muito de feijoada e, por isso, sempre que alguns dos amigos tinha feijoada, era certo que, entre outros, o doutor Valentim estava presente

E por falar nisso, lembro que certa vez recebi um bilhete e que simplesmente dizia: - *Hoje há feijões em casa do delegado de saúde*

Certamente que o grupinho habitual estaria para saborear a dita feijoada, em casa do doutor Monteiro de Carvalho, o delegado de saúde de então

Numa das suas andanças, certo dia teve um acidente já bastante próximo de Luanda, onde o carro ficou muito mal tratado, mas o doutor, como depois viemos a saber, pouco ou nada teve, ele mesmo disse ter perdido os óculos e um sapato

Conhecedores da ocorrência, de imediato se formou a equipa para o acompanhar. Assim, ao volante do seu carro que era o de maior velocidade, ia o delegado de saúde, para tratar da saúde, claro, ao lado o padre Virgílio, para tratar da alma, mas um outro que não me ocorre e depois eu, que poderia ser o cangalheiro

Assim chegamos a Luanda e de imediato ao hospital. Era fim de semana e um grande movimento de cabeças abertas se via à entrada. O delegado de saúde, como se identificou, teve entrada e depois contou-nos que havia certo número de cadáveres, espalhados pelas mesas e foi levantando um bocado os panos para ver se algum seria o que procurávamos, mas felizmente não era

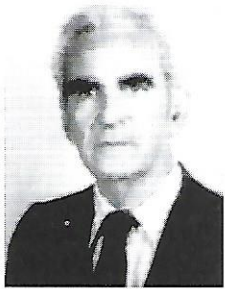
Mais descansados, fomos procurar um outro padre residente em Luanda, também açoriano e lá fomos encontrar o doutor Valentim relativamente bem, pelo que dias depois voltou para a Gabela. O carro creio que veio para a Gabela e ainda continuou a fazer serviço

Aqui ficam algumas recordações de quem deixou boas amizades e cuja memória recordamos,



VALINO ANGELO CARNEIRO CANCELA

os dons do espírito santo



vicente matos

Na minha última colaboração no (nosso) Gabelense "o futuro nunca espera" fiz referência à Festa Maior de S. Jorge do Katófe, no Domingo de Pentecostes de 1975 a Festa do Divino Espírito Santo. Presidida esta pelo Senhor Bispo Titular do nosso Kwanza Sul e hoje Arcebispo do Lubango, na Terra Bem-Amada! Mal sabíamos então que o 25º Império do Espírito Santo 1951-1975- como é invocado nas Ilhas dos Açores, seria transportado para outras paragens, onde os 7 Dons do Espírito Santo seriam apreciados!

Com algum espanto mas nem tanto assim em fins de Abril, recebo um pormenorizado convite do I.D.E.S. (Império do Divino Espírito Santo) de Buhl, Idaho (USA) "A comissão do I.D.E.S. cordialmente vos convida, e sua família e amigos... para celebrar a festa em louvor ao Divino Espírito Santo, no seu aniversário de 25 anos, nos dias 10 e 11 de Maio"!...

Um quarto de século: tanto em S. Jorge do Katófe como em Buhl, Idaho!...

Tantos e tantas milhares de milhas aéreas 3 Continentes África: Europa: América para um idoso de quási 88 a., só comungando em Espírito Santo nos 7 Dons do Espírito Santo, a que me atrevo a juntar mais quatro dons: Dignidade + Alegria + Amor e Paz. Conseguirei lá chegar em espírito e coração!...

"A comissão agradece a vossa presença e colaboração: Prés. Sr. e Sra. António G. Avelar (que bem conheço doutra Irmandade), Sr. e Sra. Faria, Srs. e Sras. Matt Machado; e Mel Machado. Só Avelares são seis, Faria, Nunes, Bettencourt, Nelo Matos, Ourique, Dutra, Silva, Teixeira, Marques, Azevedos, sobrenomes açorianos,

devedores de algo ao Divino Espírito Santo. "Missa em português, celebrada pelo Rev. Pe. Luciano Oliveira, vindo de Portugal. Filarmónica "Lusitânia" de North Bay, CA. Tradicional "bodo de leite". Esmolas de carne pão e vinho. Bênção e arrematação de gado, em favor da Festa. Missa solene cantada pelo grupo coral. Coroação. Almoço de sopas e carne do D.E.S. Tradicional "Grand March". Concerto pela Filarmónica Lusitânia. Uma grande enchente da Língua e Cultura Lusíada!

Para nós, jorgenses do Katófe, o auge da Festa foi a reunião trinta e três anos depois da Coroa e da Bandeira que costumavam desfilir, ao vento do Katófe nas Festas do Pentecostes!

A Coroa do Divino Espírito Santo, de Katófe, foi levada pelo nosso Amigo Germano Matos, para a Califórnia, no tempo da Diáspora.

Segundo o meu Amigo António Augusto, que me dá novas do Idaho, onde vive como rancheiro reformado, a Coroa foi pedida para desfilir na coroação de há 25 anos, voltando depois à origem. Passado um quarto de século, volta a Buhl Idaho.



Como nos diz o alentejano, há sempre uma cabecinha pensadora, que deu conhecimento ao Amigo Augusto onde se encontrava a vermelha Bandeira adamascada com bordadura, por um lado duma Coroa Real e por outro de uma Pomba Branca, que desfilou há 33 anos em Katófe e foi guardada, primeiro nos Açores e depois no Brasil, onde desfilou na cidade de Passo Fundo Rio Grande do Sul. Seria a altura perfeita para juntar 33 anos depois as duas insígnias, que marcaram um quarto de século da vida de S. Jorge do Katófe.

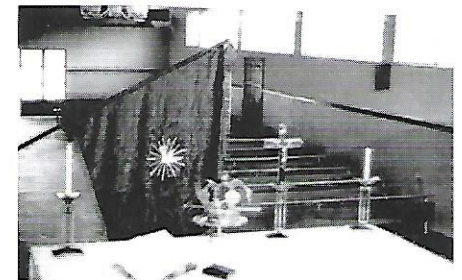
Escreveu-me António Augusto: "telefonámos a Rosália Azevedo, e ela foi muito simpática e

disse que ia mandar a Bandeira no correio do dia seguinte, para que chegue a tempo!"

E continua o Amigo: "Será muito bom para todos nós, que vivemos em Angola, ver a Coroa e a Bandeira, desfilarem no dia 11, depois de tantos anos (33), estarem juntas nas Festas do Katófe!"

E continua as suas considerações: "Sempre gostei deste Estado, principalmente esta área, pois tem algumas semelhanças com o Katófe... É um vale muito grande, com um rio ao centro (Snake River), muito parecido com o rio Katófe". "Todas as vezes que o atravesso sempre me lembro do Rio Katófe" e digo eu, vêm-me a s lágrimas aos olhos!...

"Dum lado e do outro ficam as leitarias (fazendas leiteiras) e a agricultura de forragens, como no Katófe"... "Quando para cá vim - há 25 anos havia umas vinte e tal famílias portuguesas, vindas da Califórnia". "Todas com leitarias começadas pouco antes e que, no total, estariam a tirar leite a 2.000 vacas". "Hoje há muitos portugueses a ordenhar mais de 1.000 vacas cada". "E existe um açoriano jorgense do Topo que, depois de começar com umas 30 vacas, está hoje a ordenhar 40.000 vacas, estando a terminar uma leitaria nova, para ordenhar mais 10.000 vaca: o que virá a ser o maior produtor dos Estados Unidos!" Pelo que penso vai produzir mais leite que todas as nove ilhas dos Açores! Digo eu, os Açores produzem cerca de 1500 toneladas de leite por dia, por 100.000 vacas!



Maravilhas dum trabalho aturado e inteligente, duma técnica apurada e dum apoio bancário sem peias a quem dá provas de visão e de capacidade de trabalho! O nosso homem Luís Bettencourt dirá talvez: protecção do Divino Espírito Santo! Que Ele sempre proteja a Gente das Ilhas! E o

Mundo em geral!



E, aqui chegados, algum dos meus possíveis leitores formulará uma pergunta: Como foi que os açorianos foram inventar esta *sui generis* religiosidade popular? Uma espécie de antiga democracia!



Os letrados, gente com pretensões a opinar por tudo e por nada, têm várias explicações. Para mim leigo, parece-me a mais aceitável: a devoção à Terceira Pessoa da Trindade Cristã teria sido iniciada, no princípio do Séc. XIV, pela Rainha Santa Isabel, apoiada pelos Franciscanos espirituais, baseados na doutrina milenarista do Abade Joachim de Fiore a Idade do Espírito Santo na sua Vila de Alenquer, com o apoio do Rei D. Dinis. Organiza-se um cortejo, formado pelas várias classes sociais, tendo como figura principal um pobre de pedir, direito à Igreja Paroquial onde celebrada missa, no fim da qual o Rei cedia a sua Coroa e Cetro Reais, sendo coroado o pobre já escolhido, saindo da Igreja em procissão, precedido de Bandeira Real empunhada pelo Alferes, e o Rei de um dia, ladeado por um pagem com espadim e a Rainha e o Rei fechando, o cortejo dirigindo-se a uma casa, onde a Rainha mandara preparar um jantar para os pobres e muitas esmolas de carne, pão e vinho, como era hábito da Rainha Santa, secundada pelo Rei seu Esposo. Está registada ainda que o Pobre coroado teria o privilégio de se dirigir à cadeia mandando soltar um preso. Esta devoção espiritana foi-se espalhando pelo País, principalmente na Beira Baixa, talvez por influência da nobreza, desejosa de imitar o Rei e a Rainha. Até o fim da Monarquia, existiu o chamado Império dos Nobres, em localidades açorianas.

Com as descobertas das Ilhas

atlânticas a devoção foi levada pelos colonos para a Madeira e Açores. Como tudo o humano, a devoção foi *desaparecendo no Continente e na Madeira. Como vemos, nos Açores e nas Terras povoadas por Açorianos, continua com brilhantismo que lhe deu a Santa Rainha.*

Tendo sido filmadas as Festas de Buhl Idaho, esperamos vê-las com a Alegria, Dignidade, Amor, que os Açorianos do Idaho e seus visitantes, brilhantemente lhe prestaram! O meu

velho Amigo José Dias fez-me um descrição brilhante!

Que o Divino Espírito Santo a todos abençoe!

Aos Gabelenses, brevemente reunidos no seu Ponto de Encontro, desejamos a todos uma boa reunião: com Dignidade, Alegria, Amor e Paz!

Dos velhos jorgenses do Katófe!



os colonos... o que ficou por con



silva carvalho

Deparam-se-nos situações que ocorreram que nos fazem reviver períodos de solidariedade e de afecto quando ocorriam anor-malidades que atingiam as populações em Angola.

Todos (sem credos, preconceitos raciais ou políticos) participavam na onda de solidariedade a que eramos chamados para colaborar, minorando os efeitos de desespero que afectavam o povo em geral. Todos.

O caso da foto que se insere, constituído por um grupo, justifica abordar, realçando o simbolismo do espírito de solidariedade que ocorreu em toda Angola, quando do abandono das tropas portuguesas que entregaram o comando e defesa das povoações às tropas integradas pelos movimentos de libertação FNLA, MPLA e UNITA - que passaram a ter à sua responsabilidade as populações que se mantinham nas suas localidades.

Ano de 1974. Encontrava-mo-nos na Quibala (nó rodoviário) onde se gerou uma onda de solidariedade para o angariamento de bens alimentares, para que o governo de transição (integrado por militantes dos três partidos) pudesse, em Luanda apoiar os deslocados, populações que demandaram a capital procurando refúgio e segurança, em especial militantes dos movimentos de libertação, que começaram a afluír às zonas da sua confiança, uma vez que começavam a envolver-se em confrontos à procura da esmonia das suas ideologias partidárias ...

Posteriormente processou-se o êxodo das populações brancas do interior para o litoral, utilizando todos meios para embarcarem nos aviões



postos à disposição de Portugal, enquanto uns permaneceram na expectativa e outros lá ficaram. Abandonados muitos procuram refúgio nos países vizinhos em especial na África do Sul, outros viajaram por sua conta para o estrangeiro Brasil, USA, Canadá, onde refizeram as suas vidas, aliás como aconteceu em Portugal, fruto da sua experiência em Angola onde protogonizaram todo o seu espírito empreendedor patente no País hoje independente que ajudaram a edificar.

Pena é que os relatos da descolonização sejam abordados pelos descolonizadores os heróis de Abril e da revolução dos cravos - que continua demonstrado só serviu os patriotas de ocasião que negociaram, unilateralmente, o destino dos descolonizados portugueses

retornados de Portugal abandonados à sua sorte, esquecidos e nunca reconhecidos pela sua dedicação e trabalho em Angola, onde dignificaram com patriotismo e muito labor a sua Pátria que nunca negaram e sempre dela se orgulharam.

Muitos foram os exemplos de cooperação e de entre ajuda das populações em situações de agravo, justamente no decurso da descolonização face ao abandono a que foram votadas as populações pelas forças de segurança portuguesas. Não fora este sentimento de solidariedade o desastre da descolonização seria uma hecatombe que pesaria na consciência dos autores dessa descolonização que, ainda agora apregoam de exemplar.

Como se constata pelo grupo constante da foto inserida a resposta à



solicitação foi generalizada, indiscriminada e sem preconceitos. A recolha foi, posteriormente transportada em camiões para Luanda, integradas por elementos que participaram na iniciativa, escoltados por guerrilheiros das forças dos três movimentos.

Foram e regressaram cientes da missão nobre em prol das populações deslocadas. O remetente a população da Quibala e o destinatário o Governo de Transição de Angola, na pessoa do Ministro da Saúde Dr. Samuel Abrigada.

Integraram o grupo extractos de toda a população da Quibala que conviviam e compatilhavam dos bons e maus momentos, constituído por professoras, eclesiásticos, funcionários, elementos da população, numa causa comum: solidariedade.

Exemplos destes, muitos, ao longo de séculos ficaram, por contar. Quando se terá a umbridade de se reconhecer o valor e a dedicação do colono nas terras que desbravou, semeou, produziu e desenvolveu e que

legou, para a criação de novos Países, que em nada os desmerecem e também contribuíram para o reconhecimento e riqueza de Portugal, como os emigrantes tão lisongeados em merecimentos elogiosos em detrimento dos colonos sempre apudados dos piores injúrias? Será que os emigrantes de hoje, em Angola, são diferentes?

O reconhecimento será a vitória dos que dedicaram a sua vida às colónias ainda vivos e dos que lá ficaram para sempre, cientes de terem cumprido com dignidade a sua missão, a missão de Portugal dando novos mundos ao Mundo.

O meu reconhecimento, como português nascido e criado em Angola que nunca renunciou e sempre admirou a terra em que nasceu, reconhecido aos que contribuíram para o seu desenvolvimento e afirmação, contribuindo para o País hoje independente e exemplo do espólio português.

O tempo se encarregará de repor a verdade ...

À consideração dos Gabelenses.

Recebemos dirigida a esta Associação, do sócio nº:811, CARLOS FILIPE A.S. ALVES COSTA, residente São Romão, S. Brás de Aportel, a carta de 27 de Fevereiro de 2008, que inserimos para conhecimento e apreciação dos gabelenses.

Mereceu a nossa resposta em 10 de Março de 2008, que também anexamos.

Considerando uma causa cujo assunto é do foro íntimo, de sentimento pessoal, é intenção levar o assunto ao conhecimento dos gabelenses, que para além da informação, pretendam dar a sua opinião de modo a que se tome a decisão adequada às circunstâncias..

Carlos Filipe A.S. Alves da Costa
Sócio nº:811
Sítio de São Romão, 502 A
8150-058 SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Exma
Direcção da
Associação dos Naturais ex
Residents e
Amigos da Gabela

— "OS GABELENSES"
ASSOCIAÇÃO DOS NATURAIS EX-RESIDENTES E AMIGOS DA GABELA
RUA AMÉRICO DA SILVA, 16-7º C
1400-004 LISBOA
TELEF. 31 949 23 23

Para
CARLOS FILIPE A.S. ALVES COSTA
Sítio de São Romão, 502 A
8150-058 SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Sócio 811 Lisboa 10 de Março de 2008

Exmos. Senhores

Antes de mais gostaria de expressar toda a minha admiração e gratidão pelo excelente trabalho e esforço que vêm desenvolvendo por forma a não se perder as memórias e raízes do passado de uma geração que tem a em acrescentar algo de novo na formação dos jovens destes pais.

A minha actividade profissional permite-me visitar Angola com alguma frequência não perdendo a oportunidade de visitar a Gabela, e em especial o seu cemitério onde ficaram sepultados dos familiares - uma eme e um tio

Na tentativa de manter viva a memória das nossas memórias e porque a Gabela também é a nossa terra, vejo sempre com muita tristeza a degradação em que se encontra o Cemitério. Concretizara não é propalado, mas um povo que se viu forçado a uma guerra civil que cortou a força da sua juventude e queimou todos os sonhos, onde só lhes resta lutar pela sobrevivência e pela busca incessante de alimento e conforto para os seus familiares, não pode ser culpabilizado da perda de identidade e outros princípios fundamentais para a estabilidade e qualidade de vida.

O esforço dos serviços oficiais para manter o cemitério limpo do capim e sem sinais de degradação são evidentes nos infrutíferos - na minha última visita, em Outubro passado, a capela estava fechada e em ruínas, algumas câmaras vandalizadas, outras em ruínas, o muro na entrada derrubado e o cemitério coberto de capim com mais de 2 metros de altura.

Face a esta situação e porque o passado daquela terra merece o nosso respeito e a nossa homenagem, venho lançar o desafio a nossa associação no sentido de tomar as seguintes medidas para se conseguir a preservação deste monumento das nossas memórias: O contacto com as autoridades locais, a disponibilização de meios técnicos e financeiros para a contratação de pessoal, a responsabilidade pela sua manutenção, são algumas sugestões que deveremos discutir e procurar concretizar.

Deste modo ficarei a aguardar a V. decisão, ciente das nossas limitações mas consciente do nosso dever para com a memória dos Nossos, venho demonstrar a minha inteira disponibilidade para discutir e participar naquilo que for entendido como um neste desafio.

Aproveito para enviar os meus sinceros agradecimentos pela atenção e compreensão

São Romão, 26 de Fevereiro de 2008

Carlos Filipe

Caro gabelense
Recebi a carta de 26 de Fevereiro último, cujo conteúdo me deixou triste e muito chocado

No cemitério da Gabela ficaram, também sepultados, em jazigo, meu sogro e minha filha de 18 meses, como tantos outros gabelenses

O que nos relata é preocupante considerando que os danos causados serão irreparáveis, por não se tratar só de restauro e limpeza mas principalmente de obras de reconstrução do Cemitério votado, como nos diz, ao abandono e o seu interior com *câmaras vandalizadas e ou em ruínas*, irreparáveis.

Não me cabe comentar ou criticar a atitude dos serviços oficiais ou do povo local, atribuindo culpas, pelo respeito pela terra que me merece toda a estima e muita consideração onde tudo demos para contribuir para o seu progresso e bem estar das populações em geral

Como é meu dever participei aos demais membros da Direcção a sua mensagem que muito relevo e o que foi decidido proporei à consideração para aprovação, no próximo encontro dos Gabelenses a realizar no último domingo de Junho - dia 29, dando conhecimento aos sócios da carta que nos enviou, bem como da resposta que transcreveremos no nosso próximo Boletim - 1º semestre de 2008, a ser enviado até fins de Maio próximo.

Reconhecido pela sua comunicação que muito agradeço, subscrevo-me ciente de que todos os gabelenses serão solidários com a sua preocupação, para além da sua opinião ou decisão ao assunto que proporemos à consideração de todos.

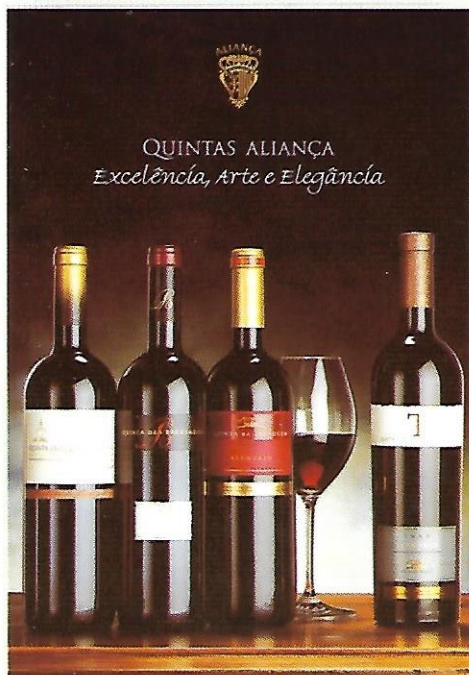
Muito atentamente,

Pela Direcção da Associação,

Silva Carvalho
Silva Carvalho - Presidente

SILVA CARVALHO
R. Américo da Silva, 16-7º C
1400-004 LISBOA
Tel. 31 949 23 23

ALIANÇA



As Caves Aliança foram fundadas há mais de 75 anos, em 1927, por 11 associados liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, em Sangalhos, na região Demarcada da Bairrada.

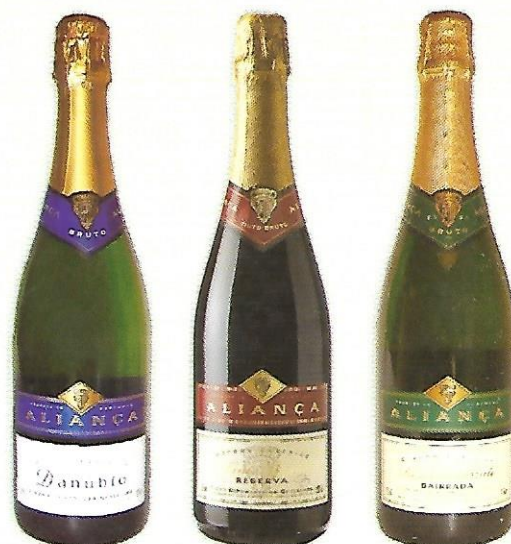
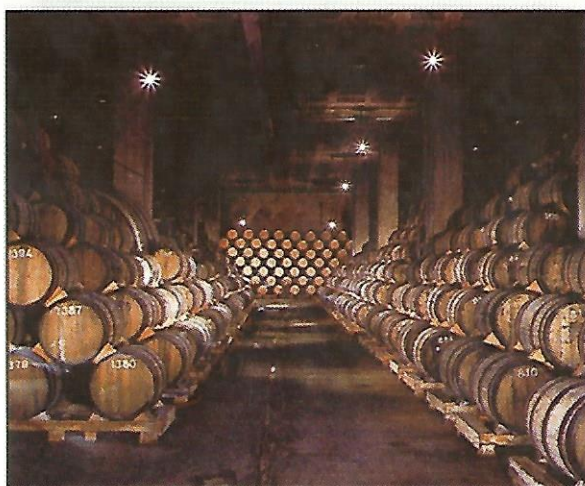
Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa, sendo hoje, quer em Portugal quer nos cerca de 60 países para onde exporta 50% da sua produção, sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade.

As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo. A forte aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas nas principais regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras, explorando cerca de 500 ha de vinhas.

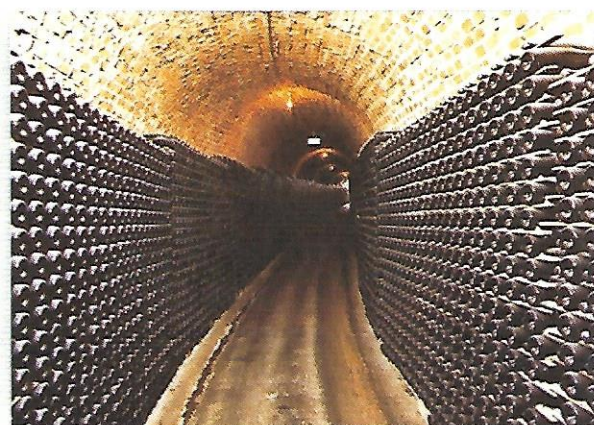
Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipa técnica de Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet.

O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Esta estratégia está já a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos inúmeros prémios obtidos recentemente, quer no país, quer no estrangeiro.


Nas nossas destilarias privadas, utilizando os alambiques "charantais", após rigorosa selecção dos vinhos a destilar, sai a mais completa colecção de aguardentes velhas produzidas por qualquer empresa em Portugal. Envelhecidas durante vários anos em barricas de carvalho de 225 e 300 litros preparadas nas nossas próprias tanoarias de acordo com as mais ancestrais tradições, estas nossas prestigiadas aguardentes velhas têm colocado as Caves Aliança na liderança do mercado português.



Há mais de 70 anos que as Caves Aliança produzem espumante, seguindo a tradição rigorosa do Método Champanês ou Clássico. Com uvas rigorosamente seleccionadas para o efeito, a partir das castas locais brancas Bical, Sercial, Arinto e Chardonnay e da casta tinta Baga, vinificadas na própria adega de Sangalhos, estagiam permanentemente nas profundezas das caves subterrâneas mais de 2 milhões de garrafas, antes de serem introduzidas no mercado.



QUINTAS ALIANÇA



QUINTA DOS QUATRO VENTOS



Região: Douro Superior - Vila Nova de Foz Côa

Com uma área total de cerca de 150 hectares esta quinta centenária está situada no Douro Superior, nos limites das freguesias de Seixas e Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dispõe de um total de 45 hectares de vinha em patamares e vinha ao alto de plantação recente com as castas tradicionais da região: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Tinta Barroca, Touriga Franca e Tinta Amarela.

Possui adega, que para além dos tradicionais lagares de granito, está também dotada de depósitos inox de pequena dimensão para a vinificação em separado das diferentes castas existentes. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o Quinta dos Quatro Ventos Reserva. São também provenientes desta propriedade o Quinta dos Quatro Ventos e o Foral.

Região: Dão - Vila Nova de Tazém

A Quinta da Garrida está situada em Vila Nova de Tazém, no concelho de Gouveia, na região demarcada do Dão. Com uma área total de 112 hectares, tem 80 hectares de vinhas com 15 anos e os restantes com novas plantações efectuadas com o recurso às mais modernas técnicas. A vinha é constituída pelas principais castas desta região, como a Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto. Os solos são graníticos, ligeiros e pobres, típicos da região, que permitem a obtenção de vinhos com características muito próprias.

A nossa Adega situa-se em Gouveia e está dotada dos mais adequados equipamentos para a produção de vinhos de alta qualidade, possibilitando a vinificação em separado das castas existentes. Os vinhos provenientes desta propriedade, são vendidos com as marcas Quinta da Garrida Touriga Nacional e Quinta da Garrida.



QUINTA DA GARRIDA



QUINTA DAS BACELADAS



Região: Bairrada

A Quinta das Baceladas situa-se em pleno coração da Bairrada, na zona de Cantanhede. Foi nesta quinta com cerca de 5 ha que iniciamos o nosso desenvolvimento vitícola na região, plantando em 1991 a tradicional casta da região, a Baga, mas também as inovadoras Merlot e Cabernet Sauvignon.

As Caves Aliança possuem também outras pequenas vinhas plantadas em 2002 destinadas a dar continuidade ao seu projecto vitivinícola, privilegiando as castas Tinta Roriz e Merlot. Os vinhos provenientes desta propriedade, são o Quinta das Baceladas, Angelus e Aliança Galeria.

Região: Beiras - Figueira de Castelo Rodrigo

Situa-se no sopé da Aldeia histórica de Castelo Rodrigo e tem uma área total de 350 ha. Os seus solos apresentam uma estrutura franco-arenosa de base granítica e encontram-se também quartzitos e solos xistosos. Com um relevo pouco acentuado está situada, em média, a 550 m de altitude, sofrendo além da influência mediterrânea, uma influência claramente continental com acentuado arrefecimento nocturno. A precipitação média é de 550mm/ano, concentrada entre Outubro a Maio. A vinha plantada de novo, a partir de 1999, ocupa uma área superior a 90 ha, em que 27 ha são regados. A densidade de plantação varia de 3.086 a 3.738 pl/ha, sendo a condução da vinha em cordão bilateral. O encepamento é constituído por 57% de Tinta Roriz, 15% de Touriga Nacional, 12% de Syrah, 10% de Cabernet Sauvignon e 6% de Alicante Bouschet. São provenientes desta propriedade o Casa D'Aguiar e o D'Aguiar.



QUINTA D'AGUIAR



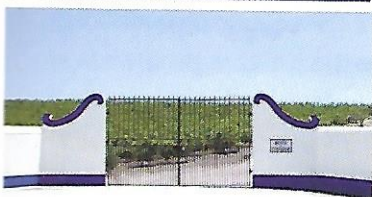
Região: Alentejo - Borba

Situada no Alentejo, na freguesia da Terrugem, no concelho de Elvas, em plena região demarcada de Borba, é hoje um ex-libris dos vinhos alentejanos. Adquirida em 1991, possuía inicialmente 14 hectares de vinha e tem hoje cerca de 60 ha. plantados com as castas Aragonês, Tinta Roriz, Trincadeira, Periquita, Syrah, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet.

A adega da Quinta da Terrugem está implantada num edifício de traça regional alentejana encastrado numa pequena elevação de terreno na propriedade, que permite o trabalho das uvas através do declive natural. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o T Quinta da Terrugem, considerado como um dos melhores vinhos do Alentejo, o Quinta da Terrugem e o Alabastro.



QUINTA DA TERRUGEM



a nação, os heróis, o desporto e a imprensa



acácio oliveira

Falar de desporto é também falar de emoções. Emoções despoletadas pelas competições desportivas, emoções ligadas com a prática desportiva amadora, emoções partilhadas por eventos desportivos que marcam gerações... E as emoções escapam muitas vezes a qualquer categoria de arrumação conceptual. A «**sensação de arrepio**» associado ao **Hino Nacional** que dá início à competição desportiva, o enredo de memória em que envolvem as lembranças de certos golos de Eusébio, a emoção contida ao escutar o som dos *stiks* nas finais de hóquei em patins em transmissões radiofónicas tentando adivinhar o golo, ou ainda o “**orgulho**” sentido por Fernando Mamede bater um recorde Mundial, são indicadores que fazem crer na existência de uma «estrutura sentimental» partilhada pelos portugueses.

O desporto pode também ser entendido, tal como o nacionalismo, como uma espécie de ideologia internacional que é importada para servir um fim nacional. E, deste modo, fazer heróis desportivos nacionais. O desporto, as competições desportivas, os feitos dos campeões, geram histórias que, são “histórias que as pessoas contam sobre si próprias”.

Os jornais desportivos produzem diariamente o conhecimento mínimo



comum sobre o que chamam de “**actualidade desportiva**”, alimentam e divulgam de algum modo as instituições que suportam o desporto, produzem e reproduzem símbolos e discursos de uma suposta identidade nacional. Mas é também através da mediatização do desporto que damos conta da desigualdade social, dos conflitos institucionais, da contestação à própria centralidade que alguns desportos parecem ter na sociedade portuguesa.

Em Portugal, tomando apenas como exemplo o futebol nas décadas de 30-40, a divulgação do *sport* na imprensa escrita é acompanhada pelo aumento de rivalidades históricas entre cidades, resultantes das disputas proporcionadas pelas equipas locais. O futebol é, desde logo, incluído no conjunto de elementos de construção da singularidade de cada cidade, como é o caso do Futebol Clube do Porto na “**cidade invicta**”. E, no contexto das competições internacionais, revitaliza supostas diferenças entre os portugueses e os outros e, muitas vezes, contribui de forma decisiva para

acentuar os estereótipos sobre o “carácter” do povo português.

O desporto, enquanto campo de grandeza da heroicidade moderna, oferece-se como espaço de negociação, oposição e até contestação, aberto a uma pluralidade de interpretações, representações e significados; e, do mesmo modo, serve também de âncora a estereótipos e hierarquias cuja legitimidade procura justificação na objectividade dos feitos desportivos.

As narrativas propiciadas pela imprensa desportiva, nomeadamente as que dizem respeito à análise dos rituais de competição internacional, ajudam a formar concepções populares de identidade nacional. O manancial de histórias aliado aos feitos competitivos constitui uma parte importante da “**estrutura sentimental**” partilhada por uma comunidade e fá-la imaginar-se a si própria portuguesa.

O desporto, apesar de referência universal, é talvez um dos melhores indicadores das políticas de identidade nacional, regional, local que, perante a modernização e globalização, (re) constroem um passado colectivo para servir de emblema à identidade Nacional, regional, local no presente.

os hematófagos...



jorge domingues

Existe uma harmonia universal com leis naturais e imutáveis que deixam perceber uma harmonia lógica, um equilíbrio de forças, uma força inexplicável que controla o mundo, a vida, o universo, em que cada fenómeno, cada acontecimento é como que um *puzzle* inventado por uma inteligência superior.

Assim o calor, o frio, as tempestades, os vulcões, os ventos, a chuva apesar das destruições que eventualmente possam causar também são benéficas.

A chuva e a água são a fonte da vida, bem como o calor. Os vulcões formam novas ilhas, tornam o solo fértil, os ventos polinizam, provocam as correntes marinhas, geram vida.

Para cada fenómeno, existe uma explicação lógica que em última análise tem efeitos benéficos. Nesta harmonia natural, há algo transcendente e que não conseguimos perceber qual a razão de ser e que benefícios trazem ao mundo e como podem ter algum benefício; estou a falar dos parasitas; na natureza, um fungo associa-se a uma alga formando um líquen; é a simbiose. O fungo alimenta a alga e a alga como pode fazer a



fotosíntese dá energia ao fungo; as flores para serem polinizadas oferecem aos insectos o néctar. Os frutos alimentam quem dispersa as suas sementes. O que não consigo perceber é a razão de ser dos parasitas. Piolhos, mosquitos, carraças, pulgas. Chupam o sangue de quem se alimentam, e para além de comichão, irritam e transmitem doenças graves. Estes hematófagos chupam o sangue, que é um alimento

completo e transmitem paludismo, febre da carraça, tifo, dengue, febre hemorrágica ...! Alguém consegue entender a razão de ser destes hematófagos? Vampiros?

Só tiram não dão nada em troca e ainda prejudicam quem os alimenta! Pessoalmente acho que o mundo seria muito melhor se não existissem esses parasitas, que além de nos chuparem o sangue ainda nos põem doentes.

Fazendo a analogia para os humanos digam quem são os parasitas que nos chupam o sangue e nos põem doentes, quem nada faz, nada produz, tudo tira e não dá nada em troca? Certo! São os políticos e os seus agentes; a policia, a ASAE, as autarquias, as finanças.

Estes sim, também são hematófagos, parasitas, mais estilo pirilampos porque se jugam iluminados. Hematófagos electivos que só chupam o sangue dos burros, que somos nós.



Cachoeiras do Binga - Sumbe

o escondidinho: o fim de um ciclo

uma homenagem que se esboça



mário frota

A gastronomia é património dos povos. A gastronomia de um povo que se disseminou pelo mundo, na sua riqueza insuperável, património superlativo. Que força é preservar contra ventos e marés! O execrável abandono dos territórios do Ultramar (**Portugal que teve o direito de colonizar, teria o elementar dever de descolonizar... e não o fez!**), no que representou de suma cobardia e traição aos povos, trouxe para o regaço da então Metrópole gentes das *"mais oriundas paragens"*, como diria o "emérito" doutor Calixto... De Moçambique vieram centenas de milhar aquando da *"exemplar descolonização"*... na denominação e no escarro nauseante e indecoroso de políticos sem cerviz nem estatura que destarte **"lavavam as mãos como Pilatos"**...! À Figueira da Foz aportou com a família o Senhor João Rodrigues. Originário de Goa, mas com uma vida feita na paradisíaca Beira. Exímio contabilista que ali exercia proficientemente (diz quem o conheceu por aquelas paragens) exigentes funções em uma companhia modelar e de porte considerável. Com encargos avultados uma família às costas é sempre algo difícil de contabilizar mesmo para um contabilista experimentado e sábio mal sabia a que deitar mão. Que das **"inóspitas plagas africanas"** as sucessivas vagas de desertadas da fortuna que aportaram a este ignaro "jardim à beira-mar plantado" mal vieram com uma mão à frente e outra atrás, despojados de tudo o que poderia representar a base material para o recomeço de uma vida, menos do arsenal de virtudes e da força moral que os exornava e os catapultou para cometimentos distintos de que Portugal tanto veio a beneficiar... E, em circunstâncias felizes, resolveu, com a Mulher, depois de haver conseguido



excepcionais facilidades no arrendamento de um espaço na transversal que conduz ao Mercado Municipal, abrir o ESCONDIDINHO. E proporcionar aos *"gourmets"* os exóticos sabores da cozinha goesa, um híbrido da hindu e da sua aculturação à portuguesa, na variegada expressão da cozinha de determinadas paragens do minúsculo "rectângulo" continental. Minúsculo na sua extensão territorial, mas com uma Alma e uma gesta maiores que o mundo... Durante mais de trinta anos o "Senhor Rodrigues", *"indómito leão"* dos quatro costados, exibiu aos seus comensais os belos pratos da cozinha goesa. E deleitava-se com as "corridas" que dava aos que se abeiravam da sua porta à procura do estafado e convencional *"bife à portuguesa"* ou *"bife com batatas fritas e ovo a cavalo"*... O Senhor João Rodrigues era, nas funções novas a que se convertera, não só um excelso representante de uma cozinha de excepcional requinte, mas um filósofo, um observador de comportamentos, com uma invulgar psicologia, e um inato contador de histórias. Com a doença da Mulher, a diva de cujas mãos engenhosas saíam tão deliciosos pitéus, na graciosidade com que se dava às coisas, João Rodrigues manteve-se com natural intrepidez ao leme da barca. E resistia às exigências da missão que prosseguira indefectivelmente. Encerrava a espaços, sobretudo no pino do Inverno,

nos últimos anos, já que o seu velho joelho emitia sinais capazes de o importunar. Os anos sucediam-se e João Rodrigues recebia religiosamente os amigos que demandavam o Escondidinho, oriundos dos lugares menos acessíveis, dos mais recônditos pontos do território que se deslocavam em peregrinação ao seu santuário de paladares no jeito peculiar de quem ergue em um altar os incomparáveis manjares goeses. Até os embarcações nórdicos - que frequentavam o restaurante quando tocavam a Figueira - voltavam pontualmente a bom porto como as andorinhas aos beirais aos primeiros acordes da primavera. Após uma semana de intermináveis conferências que nos levaram a deambular por distantes pontos do centro e do sul, em um domingo de Abril, rumámos à Figueira e lá diligenciámos por lhe bater ao ferrolho ainda a horas de almoço, convictos de que nos não negaria um saboroso **"caril de camarão"** e um **"sarapatel"** confeccionados por mãos de fada como o são as de sua Mulher... Que para a



"cavala recheada" seria indispensável preveni-lo com um bom par de horas de antecedência, passe a aparente redundância! À chegada, uma profunda desolação nos tomou de assalto, se apossou autenticamente de nós. Um anódino fragmento de papel pardo dependurado de uma das portadas rezava: **ENCERRADO. Contactos: Telefone 233...** O Senhor João Rodrigues resolvera dizer "adeus às armas". Como um veterano exausto pelos rigores de continuada campanha e menos destro no manusear das escopetas forjadas em novas têmperas (os equívocos e os embustes de uma pretensa "segurança alimentar" que tantos intentam impingir...) retirara-se simplesmente. Em silêncio. Sem os alardes nem os toques de "requinta" que "convocam" à derradeira formatura, para que as tropas se perfilassem na parada e homenagens se prestem a quem tão nobilitantemente servira nas fileiras. Nas da gastronomia, do turismo, do valor da Amizade Imorredeira, que cumpre, a justo título, enaltecer. Ante tal quadro apoderou-se de nós uma profunda tristeza. Nesse domingo de Abril, os nossos corações ergueram-se em um choro silencioso (compulsivo, por paradoxal que pareça) porque um espaço de vida e da história da Figueira se apagava. Porque o Escondidinho se escondera de vez sem sequer deixar rasto... Não sabemos dizer melhor...

nem traduzir de outro modo os sentimentos que nos vão na alma porque escrevemos com as penas do coração. Que não com as do engenho dos homens que surgem luzidias nos escaparates das papelarias e se oferecem por um bom punhado de euros... A Figueira da Foz está mais pobre. O Escondidinho finou-se. O Senhor João Rodrigues vive, graças a Deus, em um espaço outro. Jubilou-se da sua cátedra. "Morreu" para a gastronomia, na expressão terna, doce e suave a que imprimira um timbre, um cunho distinto numa cozinha de eleição. E que é, afinal, a expressão da simbiose da cultura de um povo o português - que se irmanara com os mais, no seu peregrinar por distintas latitudes, e novas revelações dera ao mundo, no seu intrépido deambular pelas sete partidas do globo. E com a sua natural defecção, Rodrigues lança a desolação e a saudade nas papilas gustativas dos seus amigos, que naquele espaço de descontraído convívio buscavam algo mais do que as inigualáveis iguarias para alimentar os sentidos com as explosões de sabor da sua cozinha. Ali logravam também os odores de uma superlativa convivência, eles que se deleitavam com as histórias surpreendentes e requintadamente saborosas de um Mestre no receber e no dar, na Amizade suprema que espargiu e cultivou com rara sabedoria. Quantas vezes, encerrava o restaurante

para nos proporcionar - a nós e a outros - momentos de tertúlia de rara espiritualidade! (E aquela de um médico de Coimbra que pretendia igualar-se nas doses de picante aos da Casa, numa jactante afirmação de fortaleza, Senhor Rodrigues, e quase foi preciso chamar os bombeiros para apagar o "fogo"?) A Figueira está mais pobre. Os Amigos que soube cativar incessantemente durante mais de três décadas, no fundo os seus fiéis Clientes, estão mais pobres. O Senhor João Rodrigues, porém, merece uma homenagem. Da Figueira da Foz. Dos figueirenses. E dos que de Viana do Castelo a Viana do Alentejo, de Vila Real a Vila Real de Santo António, de Figueira de Castelo Rodrigo à Figueira da Foz ali se deslocavam para saborear em conjunto a "bebinca" ou o "chilli-fry", o "sarapatel" ou a "cavala recheada" que com a ímpar personalidade de Rodrigues preenchiam em absoluto o i n i g u a l á v e l

ESCONDIDINHO...
A Figueira está mais pobre!
De tudo, só nos restará o Senhor João Rodrigues quando nos quiser dar o prazer de aceder a um convite para comer, em qualquer lugar - ò suma ironia! - , um qualquer bife à portuguesa...

Com amizade inquebrantável e a mais profunda estima,

M á r i o F R O T A

"slogans" que fizeram história

luís de souza

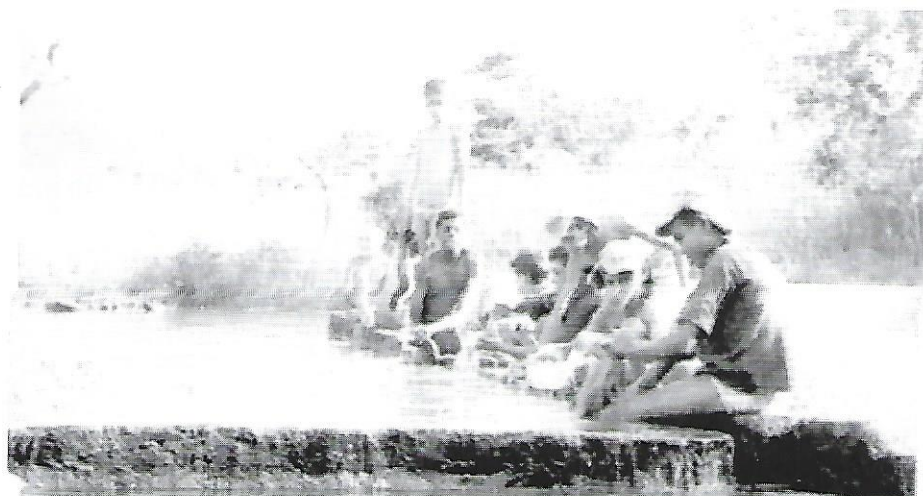
"Slogans" que fizeram história sem que, porém, pasme-se, o impedisse a ausência de substancialidade dos mesmos:

"Liberdade, Igualdade, Fraternidade"; "É Proibido Proibir"; "Não Pedí para Nascer"; "Estás-me a Cobrar?!...".

Comece-se pelo último: Se me deves, por que razão, pois, não te hei-de eu cobrar?!...

Não pediste para nascer!... Quanto a isso estamos de acordo. O curioso, porém, é que eu também não pedi para nascer!...

Contudo, e a despeito desse



facto incontroverso, ainda assim não deixei, nem deixarei enquanto durar, de, entretantes, andar por aqui enfrentando o mundo que me circunda tal qual ele é e não como eu gostaria que ele fosse;

Não deixei ainda nem deixarei de lutar pela vida, posto que, viver, não é outra coisa senão confronto incessante e necessário com as circunstâncias, com tudo o que rodeia o "eu", o "eu" por contraposição ao outro, a todo o "outro",

ao “tu”.

É proibido proibir! Muito bem... Se, todavia, nesse mesmo sentido, quiseses ser coerente contigo mesmo, então não consintas que se proíba o proibir porque proibir o proibir é proibir.

Posto isto e como será bom de ver, estaremos perante argumentos inconsistentes; argumentos sem qualquer sustentação; argumentos que, supostamente, dirão algo, mas que, quando contra-argumentados, com uma simples e ligeira penada, de pronto caem pela base.

Como sói dizer-se, o que gratuitamente se afirma, gratuitamente se nega! E, sendo assim, o mais avisado seria ficarmo-nos por aqui sem mais delongas.

Todavia... Avancemos! Sigamos um pouco mais adiante...

Entrementes, vejamos a tão cantada e decantada “liberdade, igualdade, fraternidade”.

O que será, em verdade, isso da “liberdade, igualdade, fraternidade”?!...

Quando, Napoleão Bonaparte, em nome da libertação dos povos, marchou em força com os seus exércitos implacáveis por toda a Europa fora, até mesmo Beethoven que foi, como é consabido, um dos maiores entre os maiores, até ele mesmo não ficou imune à tentação de aderir incondicionalmente à quimera da liberdade enunciada com veemência por Rousseau naqueles idos do século XVIII.

Mas se o sonho da liberdade e a esperança sem fronteiras na marcha belicista do “Pequeno Corso” por ela, ela, liberdade, assim se pensava então, fora enorme em Beethoven, este, ao descer à terra, à realidade concreta das coisas, de pronto e como que com raiva incontida, riscou a dedicatória à Bonaparte que havia sido por ele mesmo aposta, com entusiasmos ímpar, no seu celeberrimo hino à liberdade, na sua “Heróica”.

Final a liberdade, tal como a igualdade, e também, por que não, a fraternidade, quer queiramos quer não, não passam disso mesmo: meras quimeras, meros sonhos que, ao acordarmos, logo se desvanecem.



São, na melhor das hipóteses, metas idealizadas ideais postas lá longe, no infinito, em direcção às quais os Homens “de boa vontade” deverão caminhar, e, por certo, caminharão, bem sabendo, contudo, que, na sua plenitude, serão, elas, pela sua própria natureza, de todo inatingíveis.

Façam-se, pois, tanto quanto possível, esforços de aproximação a tais metas e estar-se-á, assim, seguramente, no bom caminho, estar-se-á a caminhar no sentido da perfeição relativa do Homem. O que, de todo, francamente, não é mau.

Todavia, não se confunda aquilo que é, e que só o é exclusivamente em relação ao Homem, ou seja, a relatividade das coisas, com o absoluto que tanto se almeja e que, enfim, não será mau almejar quando se tem, efectivamente, o real sentido das coisas, quando não se é alheio, quando não se é estranho ao verdadeiro espírito crítico de que, afinal, tantos carecem.

A minha liberdade, entendamo-nos, jamais será absoluta na justa medida em que contende sempre com a liberdade do outro.

Se o meu desejo é ser absolutamente livre, o outro, por certo, também querê-lo-á ser e, com semelhante propósito, naturalmente enfrentar-me-á.

Resultado do enfrentamento e da contenda se a houver: sairá vencedor, de modo inevitável, o mais forte. E se eu for o menos forte, o mais fraco, por esta via, lá se irá por “água

abaixo”, assim, tão simplesmente, o meu desejo, o meu sonho de liberdade absoluta. A menos que, e ao contrário, as forças se igualem.

Em circunstâncias que tais, estar-se-á entre pares, e a solução não poderá ser outra que não a partilha da liberdade que, “ipso facto”, jamais será absoluta.

Portanto, e em boa verdade, quando se fala em liberdade estar-se-á sempre a falar em liberdade relativa, condicionada pela liberdade do outro, e não, nunca, jamais, em tempo algum, se deverá falar nas “mais amplas liberdades” entendida romântica e ingenuamente como a liberdade “in tutto”.

Conclusão: A liberdade, isto é, a liberdade relativa que não a absoluta por, terrenamente, esta não existir, só é exercitável de modo verdadeiro entre pares.

Vistos os factos, perda-se, por isso mesmo, a ilusão da liberdade dos mais fracos, ainda que garantida pelo Direito “Ai dos fracos!”, alguém um dia assim o terá dito porque o Direito, também este, sem rodeios, sem “funfuns nem nhónhós”, é sempre condicionado pelo direito dos mais fortes.

São eles, os mais fortes, e não de todo os mais fracos, que ditam as leis como é consabido; são eles e os seus “capangas”: “filhos”, “afilhados”, “netos” e “bisnetos”, que dominam o aparelho do Estado e jogam com ele em seu favor.

Veja-se a classe dos banqueiros e dos seus apaniguados em

Portugal. Quanto ganham estes digníssimos senhores?!... E quanto ganha, por exemplo, a empregada da caixa de um hipermercado?!...

Alguma vez, que me lembre, no tempo de Salazar de que tanto tantos tão mal falam por despeito e maldade, posto que a sociedade, hipocritamente, sempre fingiu e finge admirar as pessoas íntegras e honestas quando, afinal, as odeia profundamente, quiçá, por inveja de não as conseguir imitar o leque salarial foi tão desavergonhadamente alargado?!...

Onde está isso, afinal, da redistribuição equitativa da riqueza nacional?!...

Alguma vez, que me lembre, no tempo de Salazar de que tanto tantos tão mal falam por despeito e maldade, posto que a sociedade, hipocritamente, sempre fingiu e finge admirar as pessoas íntegras e honesta quando, afinal, as odeia profundamente por inveja de não as conseguir imitar os banqueiros, e outros que tais, em Portugal, “comeram” tanto “à mesma roda” às custas de quem, por vezes, com sacrifícios sem conta deposita dinheiro, quiçá, por se ter endividado junto da banca para acorrer a necessidades básicas ou à solvência de outras dívidas contraídas por imposição da sobrevivência?!...

Veja-se o que os Bancos não cobram?!... o que os Bancos não ganham, aproveitando-se, sem um mínimo de pudor, da miséria, da depauperação de todo um país em crise em consequência remota de toda uma desgraçada descolonização feita por “garotos” imaturos e por alguns velhos estupidificados?!...

Pois, os Bancos, até fazem, brade-se aos céus, um especial favor em guardar o nosso dinheirinho nos seus cofres!... Incredível!

Alguma vez, que me lembre, no tempo de Salazar, os Direitos dos mais fracos, os Direitos dos trabalhadores por conta de outrem, foram tão postergados, atirados às malvas, tão espezinados, como se vai vendo neste Portugal dos socialistas ou, talvez mais propriamente, dos “chuchalistas”?!...

Assim vão sem vergonha, convenhamos, os tempos “gloriosos”

do “pós-vinte e cinco de Abril”; assim vão estes, os tais tempos “gloriosos”, neste “jardim à beira-mar plantado” que é Portugal, sem que haja quem nos valha: nem Deus, nem o Diabo.

Dirão os que fazem loas ao “25 de Abril”; os que fazem loas àquele golpe de Estado perpetrado por jovens militares empertigados e despeitados por verem, em perspectiva corporativista, os lugares que gostariam que fossem seus, ocupados por oficiais milicianos que, no tempo de Salazar, não havia liberdade, havia censura.

Que liberdade?!...

Haverá, hodiernamente, liberdade?!... E não haverá censura?!...

Andamos todos com os olhos tapados, ou quê?!...

Quem tem fome, que espécie de liberdade poderá ter?!... A liberdade de ter a barriga vazia e suportar o facto com um sorriso nos lábios sob o risco de, se assim o não fizer e se, porventura, “fizer ondas”, ficar ainda com ela muito mais vazia?!...

Liberdade de expressão! O que é isto meus Senhores?!... É o Marito e outros que tais puderem escrever por tudo quanto é sítio e falar de barriga cheia em prol dos seus interesses inconfessos e os dos seus apaniguados?

Dizem as estatísticas que existem, no Portugal de hoje, cerca de dois milhões de pobres. Isto num país com apenas cerca de dez milhões de habitantes. Atente-se bem no que este desacerto significa.

Neste mesmo sentido, ouça-se o Professor Bruto da Costa, embora se tenha em conta que, ouvi-lo, poderá ser incómodo para muito boa gente.

Ainda a propósito desta vergonha, desta escandaleira sem quartel, disse o actual Presidente de República toda a gente que pôde, quis, e terá tido oportunidade para tal, tê-lo-á visto e ouvido dizer, através da televisão que tinha vergonha de semelhante situação.

Mais tarde, o Professor Bruto da Costa, comentando aquele desabrido desabafo presidencial, disse-o, muito claramente e também através da televisão, que mal andou o Presidente da República ao limitar-se a ter vergonha de tamanho descalabro, pois, ao invés e em boa verdade, o que deveria ter ele então feito era indignar-se seriamente, posto que, ter vergonha de situação que tal, por certo inqualificável em todos os graus e quadrantes, é assumir uma atitude passiva, ao passo que, indignar-se é assumir uma atitude activa como, de facto, se imporia e, aliás, se impõe a todo o tempo.

Quem está desempregado, e são tantos e tantos, as estatísticas, em Portugal, escamoteiam a verdadeira realidade ínsita neste facto com a adopção de critérios pouco sérios:

Os que vão emigrando para não morrer à fome, e já vão sendo tantos e tantos, ao fazê-lo deixam, obviamente, de contar como desempregados em Portugal;

Os que trabalham por conta de outrem, com semelhante situação oculta



pelos chamados “recibos verdes”, quando “vão para a rua”, e são tantos e tantos, não são registados como desempregados;

Os que estando desempregados e terminam o tempo do direito à prestação de desemprego, e são tantos e tantos, deixam de ser considerados desempregados;

E por aí fora... por aí fora...

Vão, então, as estatísticas, dizendo, enganosamente, que, em Portugal, a taxa de desemprego tem vindo a baixar; que é inferior à de Espanha.

Quem está desempregado e tem, em casa, quando tem casa, os filhos a pedirem pão, que liberdade poderá ter?!...

Aqueles que, por razões meramente corporativistas, com os olhos postos egoisticamente nos seus interesses meramente individuais e particulares, esquecidos dos superiores e legítimos interesses da colectividade, da nação, do Estado, puseram estes, irreversivelmente, em causa;

Aqueles que, meramente por ânsia e ganância desmedida do poder, com os olhos postos egoisticamente nos seus interesses meramente individuais e particulares, nas suas “vidinhas” e vaidades enfatuadas, no seu pavonear, esquecidos dos superiores e legítimos interesses da colectividade, da nação, do Estado, puseram estes, irreversivelmente, em causa;

Todos aqueles, enfim, que por aí pululam ostentando, “garbosamente”, a glória vã de ter derrubado o regime então vigente, pouco mais fizeram senão: uns, finalmente na posse do poder, acabar com os oficiais milicianos nas forças armadas; outros, fazer gala de, cobardemente, terem fugido da guerra e deixado “terreno” aos outros que, substituindo-se-lhes, deram a vida em prol da pátria..

Terem, sim senhor, fugido da guerra, e, no regresso, aliás, como seria seu inconfesso desejo, entregar, de mão beijada, abandonar na praça pública o poder legítimo instituído nas então Províncias Ultramarinas Portuguesas em “debandada de pata rapada” no dizer do Professor António José Saraiva;

Outros ainda, aproveitando-se, oportunisticamente, do referido golpe de Estado, mais não fizeram, afinal, do que manipular as massas ignaras e, por esta via, transformar, sem escrúpulos, aquele golpe militar naquilo a que passaram a chamar revolução dos cravos, como que se, qualquer uma revolução, que realmente o fosse, pudesse alguma vez ser feita com cravos nos canos das armas em vez de balas a saírem deles a sério.

Mas, se todos estes acontecimentos foram imanações da tal liberdade que nem sempre se soube e nem sempre se sabe muito bem o que é, o que dizer da igualdade?

A igualdade será aquela coisa das quotas atribuídas às mulheres por força de leis “chuchalistas”, sobrepondo-se elas assim aos homens na ocupação de lugares e cargos apetecíveis na função pública e na política?!...

Quotas, pois, mas, ainda assim, para que mulheres?!... Para as mulheres e filhas de quem?!...

Para todas as mulheres ou só para as privilegiadas?!...

Desgraçadas das não privilegiadas!... As tais que não têm cursos superiores.

Cursos superiores... Pois é, muitas vezes a que preço?!...

Igualdade para todos...

Como igualdade para todos se somos todos diferentes?!...

Dir-se-á, igualdade de direitos!

Mas como igualdade de direitos para coisas diferentes?!...

O homem é igual à mulher?!... A mulher é igual ao homem?!...

É manifestamente contra o Direito, é injusto, ter a veleidade de querer tratar como igual o que é diferente ou tratar como diferente o que é igual..

Que cada qual, sendo, pois, diferente, se afirme pela diferença e no respeito pelos outros, no entendimento de que o respeito pelos outros é o não querer para os outros o que de mau não

quero para mim.

No que toca à fraternidade, qual fraternidade?!...

O Homem é naturalmente egoísta por imposição da necessidade de sobrevivência.

Quando “as bananas não chegam para todos” é só vê-lo...

Tudo, o resto, são balelas!

Fiquemo-nos, pois, pela “liberdade, igualdade, fraternidade” não como realidades tangíveis, não como realidades alguma vez alcançáveis, mas só e tão-só como meros ideais, como metas que o Homem tudo deverá fazer para atingir, bem sabendo, contudo, que jamais as conseguirá alcançar.

Assim, afinal, é a vida.

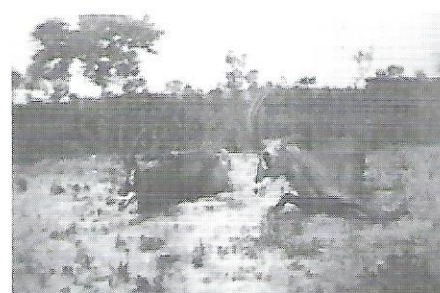
O Homem tudo faz para ser “livre como o vento”; tudo faz, sendo diferente, para ser igual àqueles que gostaria de ser igual; tudo faz para ser fraterno, as mais das vezes, contudo, apenas quando lhe convém;

O Homem, de modo semelhante, tudo faz para não morrer. Aqui a meta é a eternidade

Por tudo isso luta e farta-se de lutar para viver o tempo que há-de viver e tudo faz em vista de eternizar a vida, bem sabendo, todavia, que, seguramente, mais tarde ou mais cedo irá morrer.

Afigura-se-nos não ser de todo descabido afirmar, neste interim, que é esta e não outra a verdadeira tragédia da vida; que é esta e não outra a verdadeira tragédia humana.

Viva, pois, a liberdade, a igualdade, a fraternidade no verdadeiro entendimento das coisas, isto é, sem fantasias e sem oportunismos “chuchalistas”.



era uma vez...



luis fernandes

os sem-terra

Era uma vez uma família desamparada, sem eira nem beira, segundo se consta herdeira de crime de sangue praticado por antepassados longínquos.

Perseguidos por tudo e todos, proscritos, errantes, apátridas.

Estes sem-terra, convictos no entanto de serem herdeiros eleitos, sempre reivindicaram um pedaço considerado seu por herança, desde o início do Mundo.

Corridos, vilipendiados, chacinados ao longo dos tempos, um dia alguém decidiu, enfim, com o acordo dos legítimos e actuais proprietários, ceder-lhes um pedaço de terra a que pudessem enfim chamar seu, criar raízes, ter como referência.

Mas esta família era muito grande. Espalhada pelo Mundo, aos poucos foi-se aproximando e juntando a convite dos novos residentes deste novo espaço. Ao ocupá-lo com cada vez mais gente, resultado natural da multiplicação e acrescidos daqueles que acorreram dos quatro cantos do mundo, este pedaço de terra foi-se tornando cada vez mais pequeno.

Não tiveram dúvidas em esticar os braços, depois as pernas, alargando o círculo e ocupando as terras dos seus vizinhos e hospedeiros.

Outrora anfitriões, os agora invadidos e obrigados a recuar naquilo que é seu, pelo menos há tanto tempo como aquele em que os primeiros de seu nada tinham, acabam por sofrer na pele as culpas sofridas dos anteriores apátridas.

Os proprietários de antes, hospedeiros de ontem, são hoje errantes, proscritos, apátridas, sem-terra, corridos, vilipendiados e chacinados diariamente. A estes ninguém dá o direito à indignação, à revolta, à reconquista... nem sequer à coabitação.

Impávidos, os senhores do Mundo assistem, batem palmas, juntam-se à

mesa dos usurpadores.

a má governação

Começou o Sr. Manuel, já lá vão muitos anos, uma pequena empresa. Sozinho primeiro, mais tarde apoiado pela família directa, lá foi desenvolvendo aquela que seria uma referência na Aldeia. Graças ao empenho de todos, muito trabalho a apoiar a vontade e rasgo do Sr. Manuel, a pequena empresa foi crescendo. Foram-se criando postos de trabalho necessários ao cumprimento de compromissos que entretanto se iam assumindo. Não era já a pequena empresa familiar com dois ou três auxiliares. Havia mais trabalho, havia mais empregados, havia mais compromissos, havia mais produção, havia mais trabalho, mais empregados, mais compromissos.

Tornou-se habitual o Sr. Manuel ser abordado à entrada ou à saída da empresa, no café, até lá a casa iam e o discurso era quase sempre o mesmo:

- Bom dia Sr. Manuel. O Sr. Desculpe, o meu rapaz acabou agora a escola, a vida está difícil sabe? Se o Sr. Manuel pudesse arranjar-lhe qualquer coisa para ele fazer?

- Está bem António, manda lá o rapaz na 2ª Feira para falar comigo.

- O Sr. Manuel dá licença? Como o Sr. sabe o trabalho lá na minha secção aumenta todos os dias. É preciso lá meter mais um homem para darmos conta do recado.

- Está bem Joaquim. Conheces alguém?

- O meu irmão acabou agora a tropa, está a pensar casar, sabe, este emprego vinha-lhe mesmo a calhar.

Depois o primo, o irmão do cunhado do primo, o vizinho, o filho mais velho, que entretanto casa e lá põe também a mulher...

Mais tarde o Sr. Manuel começa a delegar e delega também a selecção do pessoal. De ora em diante passa a ser o Francisco, um dos parentes dos parentes, agora o responsável por empregar os parentes dos parentes dos parentes.

Há trabalho, a produção garante os compromissos assumidos, há dinheiro... umas vezes mais, umas vezes menos.

O Sr. Manuel não se queixa... até um dia!

Motivos que fogem ao controlo do Sr. Manuel fazem aumentar os custos da

matéria-prima, há redução do volume dos contratos, há menos trabalho. Menos contratos, menos trabalho, menos vendas... mais despesas.

O Sr. Manuel vai às reservas pessoais poupadas e acumuladas ao longo dos anos e lá vai tapando os buracos como pode à espera de melhores dias. Isto vai mudar, pensa ele! Mas não muda, porque o empenho pessoal, a força de vontade, o rasgo para o negócio... já não chega. Está tudo fora de controlo e ele nada pode fazer, ou pode?

Não, não pode. Não pode porque o Sr. Manuel não sobrevive à custa dos impostos pagos pelos conterrâneos europeus lá do Norte. Não está habituado a viver com aquilo que não ganha ou não produz. Falam-lhe dos Fundos comunitários. Mas esses apenas servem o sistema autofágico do Governo do país onde reside.

O Governo do seu próprio país é o primeiro a dar exemplo na falta de escrúpulos, na falta do exercício de pagamentos atempados, no esbanjar de dinheiros que são de todos nós. À falta dos tais Fundos Comunitários que mais não são do que impostos pagos nacionais dos países Europeus lá do Norte, vai aumentando regularmente os impostos cá em casa. Os impostos não chegam? Porque são mal governados. Sempre foram.

Assim como o Sr. Manuel fez em tempos de vacas gordas também o Governo em que vivemos, fez.

É por isso que temos 23 deputados por cada milhão de habitantes, em vez de 10 como os restantes países da União Europeia. (Espanha 350, França 570, continuem vocês a pesquisa e a fazer contas).

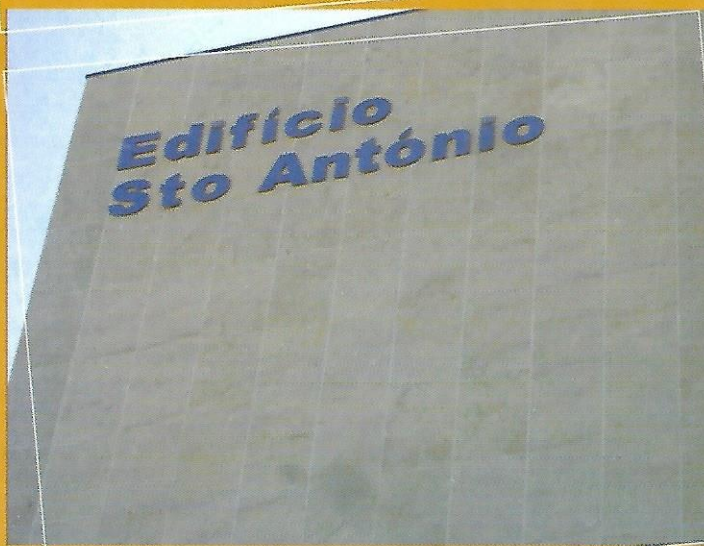
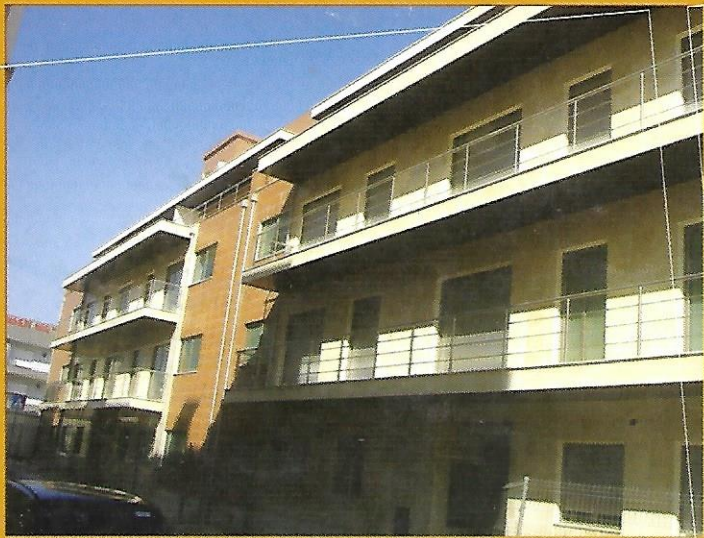
Naturalmente com 230 deputados em vez de 100, somados que forem os carrões, motoristas, telefonistas, secretárias... e todas as despesas que cada um destes acumulam. Sem contar que esta mesma percentagem de funcionários em demasia existem em quase todos os Ministérios, desde o Ministro até ao tipo que muda as lâmpadas lá na arrecadação.

Um dia qualquer, vamos ter de dizer **basta**.

Continua no próximo número

E CONSTRUÇÕES L

CAMAPE, CONSTRUÇÕES, LDA.
IRMÃOS CASTRO



qualidade
25 anos a construir com rigor
qualidade, rigor e segurança
segurança